

TEXTO E CONTEXTO: A PALAVRA E A PRÁTICA ARTÍSTICA

TEXT AND CONTEXT: THE WORD AND ARTISTIC PRACTICE

**Augusto Leal
MASF**

Resumo

Muitos artistas fazem uso do texto, da palavra, do memorial poético como parte de seus processos e práticas artísticas. Nesse contexto, o texto amplia sua função comunicativa e passa a agenciar relações estéticas, poéticas e políticas. Este ensaio apresenta essa dinâmica a partir da análise de três trabalhos artísticos: *Gangorra* (2020), *Lampejo* (2021) e *Sinalização Profética* (2021). O texto e a palavra são usados para provocar questões, ativar experiências e convidar as pessoas a se relacionarem com as obras. Para além desses usos, é feita também uma reflexão sobre a produção textual como recurso de aproximação dos artistas com as pessoas. Seja a partir da promoção de acesso aos trabalhos, mas também como dispositivo de encontro com dimensões do trabalho que escapam à exibição tradicional em exposições de arte. Adicionalmente, o texto é entendido como espaço onde o artista pode colaborar com os debates em torno de sua produção e demais debates do campo das artes.

Abstract

Many artists use text, words and poetic memoirs as part of their artistic processes and practices. In this context, the text expands its communicative function and starts to trigger aesthetic, poetic and political relations. This essay presents this dynamic based on an analysis of three artistic works: Gangorra (2020), Lampejo (2021) and Sinalização Profética (2021). Text and words are used to provoke questions, activate experiences and invite people to relate to the works. In addition to these uses, there is also a reflection on textual production as a means of bringing artists closer to people. Both by promoting access to the works, but also as a device for encountering dimensions of the work that escape the traditional display in art exhibitions. In addition, the text is understood as a space where the artist can collaborate with the debates surrounding their production and other debates in the field of the arts.

Palavras-chave:

Texto; contexto; palavra; processo; arte.

Keywords:

Text; context; word; process; art.

Refletir sobre o texto e a palavra me desloca para a adolescência, quando me encantei pela leitura, pelos livros, pelas palavras. Lembro com nitidez de uma crônica que li no livro *Confesso que vivi*, uma autobiografia de Pablo Neruda. No texto ele escreve sobre sua relação com as palavras.

...Sim Senhor, tudo o que queira, mas são as palavras as que cantam, as que sobem e baixam

...Prosterno-me diante delas... Amo-as, uno-me a elas, persigo-as, mordo-as, derreto-as... Amo tanto as palavras... As inesperadas... As que avidamente a gente espera, espreita até que de repente caem... Vocábulos amados... Brilham como pedras coloridas, saltam como peixes de prata, são espuma, fio, metal, orvalho... Persigo algumas palavras... São tão belas que quero colocá-las todas em meu poema... Agarro-as no vôo, quando vão zumbindo, e capturo-as, limpos-as, aparo-as, preparo-me diante do prato, sinto-as cristalinas, vibrantes, ebúrneas, vegetais, oleosas, como frutas, como algas, como ágatas, como azeitonas... E então as revolvo, agito-as, bebo-as, sugo-as, trituro-as, adorno-as, liberto-as... Deixo-as como stalactites em meu poema; como pedacinhos de madeira polida, como carvão, como restos de naufrágio, presentes da onda... Tudo está na palavra... Uma idéia inteira muda porque uma palavra mudou de lugar ou porque outra se sentou como uma rainha dentro de uma frase que não a esperava e que a obedeceu... Têm sombra, transparência, peso, plumas, pêlos, têm tudo o que, se lhes foi agregando de tanto vagar pelo rio, de tanto transmigrar de pátria, de tanto ser raízes... São antiquíssimas e recentíssimas. Vivem no féretro escondido e na flor apenas desabrochada... (Neruda, 1992).

Mais de 20 anos depois, esse texto ainda ressoa em mim o mesmo frescor da primeira leitura. Recordo que depois de lê-lo passei a prestar atenção na forma como o autor usava as palavras no decorrer das demais páginas do livro. E passei a fazer isso sempre, em todo texto que lia.

Depois de Neruda, encontrei Manoel de Barros, que elevou o uso da palavra para uma potência poética de encanto que ainda não tinha visto. No livro *Poesia Completa*, ele nos diz: "É preciso entrar em estado de palavra. Só quem está em estado de palavra pode enxergar as coisas sem feitio." (Barros, 2010, p. 363) e ainda "A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de

um monturo" (Barros, 2010, p. 386).

Abro esse texto com essas duas referências porque em minha prática artística o memorial poético, a escrita, a palavra, vai ocupar lugares distintos e complementares que se atravessam e se expandem para além do atributo comunicativo. Assumem também uma presença estética, poética e política.

Essas presenças se apresentam de formas diversas e implicadas. Podem ser notadas na relação direta com os próprios trabalhos artísticos, que muitas vezes fazem uso de textos, frases e palavras para expressar questões, ativar experiências e convidar as pessoas a se relacionarem com a obra. Mas também, nos relatos e partilhas textuais sobre o trabalho veiculadas em redes sociais, sites de notícias, catálogos, fichas, legendas, e demais espaços possíveis ao uso da palavra.

No livro *A importância do ato de ler* (1989), Paulo Freire afirma que a leitura do mundo precede à leitura da palavra, e a leitura da palavra possibilita a continuidade da leitura do mundo, onde a linguagem e realidade de relacionam dinamicamente. O educador conclui que a compreensão do texto a partir de sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto. Entre a palavra e o mundo.

A partir desse ponto que Freire nos provoca, apresento a seguir três trabalhos onde as relações entre texto e contexto são fundamentais para sua concepção e agência. E onde a palavra, o texto, articulam as dimensões estéticas, poéticas e políticas citadas acima.

A *Gangorra* (2020) (Figuras 1, 2 e 3) é uma proposição artística criada com o desejo de ativar espaços públicos de Simões Filho (BA), cidade onde vivo, e convidar moradores para refletirem sobre relações de poder. O sentido de funcionamento do brinquedo é alterado, ao invés de subir e descer como as gangorras tradicionais, ela gira. Essa mudança funcional, junto com a inserção da palavra poder no centro do objeto, gera um estranhamento no público. Uma quebra de expectativa e uma curiosidade em relação à presença da palavra.

De forma geral, ao ter contato com a obra, as pessoas elaboram perguntas ou reflexões sobre como as dinâmicas de poder afetam suas vidas. As discussões transitam entre diversos debates em torno da justiça social, democracia, direitos

civis, mas também manifestações de desejos em relação à cidade ou à sociedade. É comum também, a depender do perfil do público, a experiência com a obra ser a partir da brincadeira, do riso e da diversão.

É curioso observar que a partir do contexto em que a *Gangorra* está inserida, essas reflexões podem mudar. Na rua ou em espaços públicos abertos, temas relacionados à política ou direito à cidade são mais recorrentes. Já em espaços institucionais de arte, questões do campo são acrescidas às discussões. Adicionalmente, a própria relação com o espaço, sua arquitetura e sua história, se tornam pontos de reflexão a partir da ação da *Gangorra*. Como no caso de sua exibição no Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, na exposição *Encruzilhadas da Arte Afro Brasileira* (2023/2024), em que a presença da obra em um espaço onde funcionou um dos principais bancos do país, provocou debates sobre o poder das instituições financeiras na sociedade. Nota-se como a leitura crítica da obra implica a percepção e o debate em relação a seus diversos contextos.

Em *Lampejo* (2021) (Figuras 4, 5 e 6) o uso da palavra exerce um protagonismo ainda mais evidente. A pergunta é o recurso estético que dá corpo ao trabalho e cria sua relação com as pessoas. É um convite para pensar junto a cidade. O trabalho surge a partir da leitura do livro *A dívida impagável* de Denise Ferreira da Silva (2019). Em certo momento a autora nos convida a des-organizar, de-formar, des-pensar o mundo. Ao acessar esse convite, entendi que eu estava (des) pensando o mundo a partir da cidade. E senti vontade de compartilhar a pergunta “Como (des) pensar a cidade?” com moradores de Simões Filho.

Com tinta e um molde vazado, comecei a pintar a pergunta nas ruas de Simões Filho. A cidade fica localizada na região metropolitana de Salvador, Bahia, tem em média 110 mil habitantes e está entre as principais economias do estado. A alta arrecadação municipal contrasta com o baixo investimento em políticas públicas e infraestrutura social e urbana. Simões Filho não tem centros culturais, universidades, hospitais de grande porte, nada.

Após a realização das primeiras pinturas em ruas, outras questões foram elaboradas e compartilhadas da mesma forma, mudando apenas as cores para

diferenciar visualmente uma da outra. São elas: “Do que (não) é feita a cidade?” e “Como a cidade é (des) ordenada?”. Ouso das palavras entre parênteses sugere a possibilidade da frase ser lida de duas formas, alterando seu sentido.

São escolhidos locais públicos com alta circulação de pessoas. Avenidas movimentadas, entradas de ruas, locais de passagem, de travessias. Após alguns meses da realização do *Lampejo* na entrada do Laboré, percebi a escrita das frases: “Eterno Gordo”, “Luto pai Gordo”. Ao buscar entender do que se tratava fui informado que uma pessoa tinha sido assassinada no bairro e algum morador escreveu essas frases em sinal de protesto e de homenagem. O curioso é que ao relacionar o enunciado da pergunta com a pintura feita pelo morador, uma parece responder a outra. A relação com o contexto se torna ainda mais direta, onde pergunta e resposta se entrelaçam revelando de forma espontânea uma camada da realidade local de Simões Filho.

Em *Sinalização Profética* (2021) (Figuras 7 e 8) faço uso de placas de sinalização de trânsito para anunciar instituições que não existem Simões Filho. Aqui utilizo códigos estéticos e textuais facilmente reconhecidos pelas pessoas para revelar as ausências do território, e ao mesmo tempo, revelar também os desejos das pessoas em relação à cidade. Ao passar pelas placas ninguém chegará nesses espaços. Contudo sua presença passa a existir nos imaginários. Bem como a reflexão em torno dos motivos dessas ausências.

Assim como no *Lampejo*, o texto é escolhido como recurso de conexão com as pessoas. Com a diferença de que aqui me aproprio de códigos textuais já utilizados pelos departamentos de trânsito de todo o país e ensinados à população desde a infância. Usar esses códigos e subvertê-los, levando em consideração o conhecimento que as pessoas têm da cidade, provoca um estranhamento imediato: “Como assim um campus da UFBA em Simões Filho?”, “Mas tem teatro aqui na cidade?”.

Em 2023 fui convidado pelos curadores Igor Simões, Lorraine Mendes e Marcelo Campos, para propor um trabalho comissionado para a exposição *Dos Brasis - Arte e pensamento negro*. Apresentei para a equipe curatorial um desdobramento da *Sinalização Profética* (Figuras 9 e 10). Só que ao invés de colocar em discussão as ausências e

desejos em relação a Simões Filho, faço isso em relação ao circuito institucional de artes visuais.

Foram produzidas onze placas, cada uma direcionando para um lugar diferente:

Artista recebendo cachê - a 100 m
Curador simpático - a 200 m
Produção cultural sensível - a 300 m
Diretoria negra - a 400 m
Diretoria indígena - a 500 m
Patrocinador imparcial - a 600 m
Educativo escutado - a 700 m
Montador reconhecido - a 800 m
Expografia acolhedora - a 900 m
Galerista generoso - a 1000 m
Colecionador interessado em arte - a 1100 m

O uso da palavra que nomeia o agente do circuito funciona como um chamado, uma evocação. Atraindo de imediato a atenção que quem se reconhece ao ler. Os gestos e adjetivos escolhidos complementam o enunciado, que junto com as distâncias arrematam a informação textual da obra. Esse conjunto ativa os sentidos e as experiências estéticas que cada pessoa tem em relação ao trabalho.

Ademais ao uso estético, poético e político do texto e da palavra, exemplificado e discutido até aqui, a produção textual pode ser um recurso de potencialização da prática artística para além do seu uso nas obras em si. A escrita, assim como o desenho, muitas vezes é o primeiro corpo de um trabalho artístico. Desde a anotação de ideias que chegam em momentos espontâneos, ao fichamento de livros, ao registro de conceitos novos acessados em palestras, cursos, vídeos, tudo isso compõe os movimentos do processo criativo.

O memorial poético tem importante agência também na promoção de maior acesso das pessoas a informações que escapam à experiência da obra nas exposições. Infelizmente, ainda é comum vermos exposições em que as obras são apresentadas sem legendas. Impedindo o acesso do público a informações básicas como título, técnicas, ano e até mesmo nome do artista. Outro fator a ser ressaltado, é que escolhas curatoriais e expográficas, especialmente em grandes exposições, com muitas obras, promovem uma aceleração da fruição. A visita rápida, que acontece muitas vezes em virtude da falta de acolhimento

e atenção à recepção do público, dificulta a experiência mais profunda com a obra. O memorial poético pode complementar essa experiência ao apresentar elementos que podem escapar à percepção do público.

Ao compartilhar imagens, textos, memoriais, nas redes sociais e demais veículos de partilha de informações, cria-se acesso à obra para públicos não habituados a ir a museus ou exposições. Mas especialmente, para o público que nem museus ou centros culturais têm em seus territórios. Como é o caso de Simões Filho. Nesse sentido, esses textos que apresentam ou acompanham as obras, e que circulam de forma mais aberta e autônoma, exercem também uma função estética, poética e política, para além da função comunicativa. Mesmo que não tenham sido pensados como obras de arte.

Adicionalmente a esses pontos, entendo que o texto, o memorial poético, é um espaço onde o artista pode se colocar para além das narrativas curatoriais ou textos críticos de terceiros. Não é comum artistas terem espaço de fala em exposições ou em sites e plataformas especializadas. Por isso, a produção textual junto com sua veiculação pode ser fundamental para tencionar, reiterar, ou trazer novas perspectivas para o debate em torno de sua própria produção e demais discussões em curso no campo das artes.

Isso se torna ainda mais relevante a partir do entendimento do texto como espaço de poder. Como um dispositivo de construção de conhecimento, pensamento e memória. Geralmente, o que fica de registro e documentação das exposições após o término de sua exibição são os catálogos, notícias, ensaios, textos críticos. De forma geral, essa produção é composta pelas imagens das obras, da expografia, dos programas públicos, mas especialmente pelos textos elaborados pela equipe curatorial e demais pesquisadores convidados. Poucas vezes artistas são convidados para colaborar com esse tipo de produção. Dessa forma, são eclipsados desse espaço de construção de pensamento, narrativas, memórias e fabulações sobre a arte.



Figura 1 - *Gangorra* ativada na Praça Ana Noemias Meireles, Simões Filho (2021).

Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 2 - *Gangorra* ativada na Praça Ana Noemias Meireles, Simões Filho (2021).

Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 3 - *Gangorra* em exibição no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 4 - *Lampejo*. Avenida Elmo Serejo de Faria, Cia 1, Simões Filho (2021).
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 5 - Lampejo. Avenida Elmo Serejo de Faria, Laboré, Simões Filho (2021).
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 6 - Lampejo. Avenida Orlando Moscoso, Centro, Simões Filho (2022).
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 7 - *Sinalização Profética*. Avenida Elmo Serejo de Farias, CIA 1, Simões Filho (2021).
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 8 - *Sinalização Profética*. Avenida Elmo Serejo de Farias, Centro, Simões Filho (2021).
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 9 - Sinalização Profética (2023). Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro, Sesc Belenzinho. Crédito: Silvana Marcelina.

Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 10 - Sinalização Profética (2023). Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro, Sesc Belenzinho.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

REFERÊNCIAS

SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**. 38. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. Manoel de Barros. São Paulo: Leya, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

SOBRE O AUTOR

Augusto Leal é artista da cidade de Simões Filho, Bahia. Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia, é criador do Museu de Arte de Simões Filho - MASF. Recentemente, participou das exposições *Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro*, *11ª Mostra 3M de Arte, 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, Utopias e Distopias* no MAM-BA, *Encruzilhadas: a Arte Afro-Brasileira, Ocupação CCSF, Linha de Performance, Bienal de Performance da Bahia*, dentre outras. Foi indicado ao Prêmio Pipa 2024 e, em 2025, fez parte do comitê de indicação do mesmo prêmio. E-mail: augustoleall@gmail.com

Recebido em: 15/12/2024

Aprovado em: 10/5/2025